

Oportunidades de visitação oferecidas em Áreas Naturais Protegidas: análise dos Parques Nacionais mais visitados no Brasil e nos Estados Unidos da América em 2017

Recreational opportunities offered in Protected Natural Areas: analysis of the most visited National Parks in Brazil and the United States of America in 2017

Carolina Ribeiro Gomes¹ 

Múcio do Amaral Figueiredo² 

Geraldo Majela Moraes Salvio³ 

Palavras-chave:

ROS
Plano de Gestão
Turismo

Resumo

Parques Nacionais (PN) são estratégias de proteção da natureza e realização da atividade turística que demandam ferramentas para visitação adequada. Com o avanço do turismo nestas áreas, os PN assumem dupla responsabilidade: manter a qualidade da experiência dos visitantes e contribuir com todo seu potencial para sociedade. Nesse sentido, a ferramenta Recreation Opportunity Spectrum (ROS) categoriza as denominadas “Oportunidades de Visitação” em diferentes classes (Pristina, Primitiva, Natural, Rural e Urbana) para identificar atributos específicos para cada ambiente e público, organizando o turismo. Neste cenário, o objetivo foi analisar as oportunidades oferecidas em 10 Parques Nacionais, cinco no Brasil e cinco nos Estados Unidos da América e entender como as diferentes Classes de Oportunidades podem influenciar a visitação turística. Os dados foram obtidos a partir de pesquisa bibliográfica e documental. Identificado os potenciais turísticos de cada PN, aplicou-se a metodologia ROS. Os resultados mostraram que existe relação entre o número de oportunidades oferecidas e o número de visitantes que o Parque Nacional recebe, confirmando o pressuposto que, tanto nos Parques brasileiros quanto estadunidenses, diferentes oportunidades recreativas relaciona-se ao maior número visitantes. Dessa forma, a ferramenta Recreation Opportunity Spectrum apresenta-se como importante ferramenta de gestão da visitação turística. A possibilidade de criar classes de visitação em áreas naturais deve ser amplamente utilizada para garantir o turismo sustentável.

Keywords:

ROS
Management Plan
Tourism

Abstract

National Parks (NPs) are instruments for nature protection and tourism that demand tools for proper visitation. With the advance of tourism in these areas, NPs assume a double responsibility: to maintain visitor experience quality and to contribute with all their potential to society. In this sense, the Recreation Opportunity Spectrum (ROS) tool categorizes “Visitation Opportunities” classes (Pristine, Primitive, Natural, Rural, and Urban) to identify specific attributes of each environment and each visiting public and, thus, organize tourist use. In this scenario, we aimed to analyze the opportunities offered in 10 National Parks, five in Brazil and five in the United States (US), to understand how different Opportunity Classes can influence tourist visitation. The data were drawn from bibliographic and documentary research. After identifying the tourist potential of each NP, we applied the ROS methodology. The results showed a relationship between the number of opportunities offered and the number of visitors received by the National Parks, confirming the assumption that, both in Brazilian and American parks, different recreational opportunities are related to the largest number of visitors. Thus, the Recreation Opportunity Spectrum (ROS) tool presents itself as an important management tool for tourism visitation. The possibility of creating visitation classes in natural areas must be widely used to guarantee sustainable tourism.

¹ Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil. carolrggomes@gmail.com

² Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil. muciofigueiredo@ufsj.edu.br

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Barbacena, MG, Brasil. geraldo.majela@ifsudestemg.edu.br

INTRODUÇÃO

No contexto da política de estabelecimento das Áreas Protegidas (AP), no Brasil, os Parques Nacionais (PN), importantes estratégias de proteção da natureza e desenvolvimento turístico, se tornaram a categoria de espaço protegido mais conhecida e tradicional (DRUMMOND et al., 2010; CUNHA; SPINOLA, 2014; PIRES; RUGINE, 2018), sendo incluída em Sistemas de Áreas Protegidas no mundo todo, com destaque para países da Europa e Américas (MENEGUEL; ETCHEBEHERE, 2011; SALVIO; GOMES, 2018).

Segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, 2019), Parque Nacional tem como objetivo de manejo proteger a biodiversidade natural, os ecossistemas, suas estruturas ecológicas e seus processos ambientais, além de promover a educação ambiental, recreação e pesquisas.

Com o avanço do turismo nestas áreas, os PN assumem dupla responsabilidade: manter a qualidade da experiência dos visitantes e contribuir com todo seu potencial para sociedade, uma vez que geram benefícios tanto econômicos como intangíveis, como aqueles oriundos do turismo, os serviços prestados pelos ecossistemas (ar puro, água limpa e ciclagem geoquímica natural), os intangíveis, relacionados ao próprio valor intrínseco da natureza, e o bem-estar físico das atividades nestes locais (TERBORGH; SCHAIK, 2002). As experiências de alta qualidade vividas pelos visitantes nesses locais despertam o apoio dos próprios turistas na conservação do meio ambiente (MANNING, 2002).

Diversos estudos (BROWN et al., 1978; CLARK; STANKEY, 1979; TAKAHASHI, 2004; BROWN et al., 2005; ICMBIO, 2011b; COELHO, 2015; ICMBIO, 2018a) confirmam que não existe um “visitante típico”, com perfil médio que procuram por uma atividade específica, mas buscam ambientes e experiências diversificadas a fim de suprir suas expectativas. Dessa forma, a oferta de diferentes oportunidades e ambientes satisfaz uma demanda de públicos diversificada. Cada visitante é motivado(o) a escolher um ambiente segundo suas necessidades e expectativas, as quais são atendidas de acordo com o que é oferecido pela AP, tais como turismo de aventura, ecoturismo, geoturismo, entre outros.

Nesse sentido, a importância da aplicação do *Recreation Opportunity Spectrum* (ROS), o qual

define zonas específicas, denominadas “Classes de Oportunidades” (Pristina, Primitiva, Natural, Rural e Urbana), está na capacidade de categorizar cada zona, desde aquelas consideradas primitivas àquelas que já sofreram alguma intervenção, para identificar as atividades específicas adequadas para cada área e para cada público, conciliando a qualidade da experiência da visita com os objetivos de conservação, e no desenvolvimento de planos de gestão para administrar e oferecer diferentes oportunidades (BROWN et al., 1978; CLARK; STANKEY, 1979; ORMSBY et al., 2004; BROWN et al., 2005; ICMBIO, 2011b; ICMBIO, 2018a).

As oportunidades de visitação são formadas a partir da relação entre as atividades, o ambiente (atributos biofísicos, socioculturais e de manejo), a experiência potencial e os benefícios gerados (DRIVER; BROWN, 1978). A junção de todos esses fatores, sejam cenários e ambientes propícios a visitação, atrativos e atividades turísticas, tipos de acessos, serviços de hospedagem e alimentação, nível de infraestrutura, presença institucional, entre outros, variam em cada classe do espectro. As classes são desenhadas conforme o aumento intensivo do uso de acordo com aspectos naturais, sociais e de gestão (atributos do ROS). Cada ambiente, dentro da AP, resulta da combinação de diversas experiências, para diferentes tipos de visitantes. O espectro favorece essa diversidade a nível adequado de proteção e utilização dos recursos e atrações turísticas (LEE et al., 2013).

Dessa forma, este estudo teve como objetivo compreender se os PN mais visitados do Brasil e dos Estados Unidos da América (EUA) são os que oferecem mais oportunidades recreativas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Caracterização dos Parques Nacionais estudados

A pesquisa compõe-se pela análise de cinco PN mais visitados no Brasil e cinco mais visitados nos EUA, ambos referentes ao ano de 2017. Os Quadros 1 e 2 apresentam as características principais, e informações referentes ao uso público e as oportunidades de visitação. A Figura 1 apresenta a localização dos Parques Nacionais estudados, localizados no Brasil e nos Estados Unidos.

Quadro 1 - Informações sobre os Cinco Parque Nacional Brasileiros estudados

PARQUE NACIONAL	BREVE CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	ÁREA TOTAL	ANO DE CRIAÇÃO	USO PÚBLICO E OPORTUNIDADES DE VISITAÇÃO
Parque Nacional da Tijuca	Está localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, nas montanhas do Maciço da Tijuca, entre os paralelos 22° 55' S e 23° 00' S e os meridianos 43° 11' W e 43° 19' W, no centro sul do estado do Rio de Janeiro (RJ). Possui estrutura turística ampla e difundida em três setores Floresta, Serra da Carioca e Pedra Bonita/Pedra da Gávea. As partes de floresta separadas são interligadas por vias de circulação e edificações.	3,95 mil hectares	1961	Possui estrutura turística com mais de 150 atrativos, 128 quilômetros de trilhas manejadas para o uso público e 52 km de estradas internas, além de 69 monumentos históricos e um centro de visitantes. O Parque possui áreas conservadas e áreas com alto grau de intervenção e utilização turística distribuídas em seus três setores. O Corcovado é o principal atrativo visitado, representando 62% do total, seguido da Estrada da Vista Chinesa, com 16% e do Setor Floresta da Tijuca, com 8%.
Parque Nacional do Iguazu	Está localizado na região Extremo Oeste Paranaense, a 17 km do centro da cidade de Foz do Iguazu, sob as coordenadas lat. S. 25°04' a 25°41' e long. W. 53°58' a 25°04'. O Parque situa-se na bacia do rio Iguacu e 14 municípios definidos pelo recorte geográfico estão em raio de 10 km do Parque.	185,26 mil hectares	1939	O Parque permite a união, pelo Rio Iguazu, ao PN Iguazu, na Argentina, integrando-se ao mais importante contínuo biológico do Centro-Sul da América do Sul, e garantindo, com aproximadamente 600 mil hectares de área protegida, os esforços, dos dois países, sob ações conjuntas, em proteger e conservar a área. O PN tem como principal atração as Cataratas do Iguazu. Possui estrutura de visitação para uso intensivo, contendo centro de visitantes, diversas opções de trilhas.
Parque Nacional de Jericoacoara	Criado a partir da recategorização parcial da Área de Proteção Ambiental de Jericoacoara, o PN está localizado nos municípios de Jijoca de Jericoacoara, Cruz e Camocim, no litoral cearense, sob as coordenadas 2° 47' S 40° 30' O.	8,85 mil hectares	2002	O Parque possui trilhas, atrativos e setores para esportes de vento. As praias representam os principais atrativos, tais como a Pedra Furada e o Serrote, que são formações rochosas muito visitadas. O Parque apresenta passeios nos manguezais e nas lagoas temporárias. O Parque não possui Centro de Visitantes. A Sede do Parque situa-se na Vila de Jericoacoara. A Vila de Jericoacoara é acessada por meio do município de Jijoca de Jericoacoara, por trilhas não pavimentadas e utilizando preferencialmente veículos de tração integral e buggies.
Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha	Localiza-se no arquipélago de Fernando de Noronha, a 345 km a nordeste do cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte (RN) e 545 km de Recife, no Pernambuco (PE), entre as coordenadas geográficas 3°45' 3°56' sul e 32°20' oeste. Abrange 70% da ilha principal do Arquipélago Fernando de Noronha e todas as outras 21 ilhas secundárias, e sua gestão ocorre em parceria com a Área de Proteção Ambiental (APA) de Fernando de Noronha.	11,27 mil hectares.	1988	O Parque possui atrativos, trilhas, como a da Baía do Sancho e a do Forte de São Joaquim, sítios históricos divididos entre parte terrestre e a parte marinha e um centro de visitantes. Destaca-se as ilhas da Rata, Rasa e do Frade. Em cada oportunidade, há possibilidade de atividades de caminhada, observação da vida marinha e escalada. Em alguns trechos permite-se apenas passeios de barco, não sendo permitido aos visitantes o fundeio. As embarcações trafegam em velocidade reduzida, e há fiscalização permanente. No arquipélago, há estrutura para serviços de hospedagem, os quais atendem diversos tipos de público.
Parque Nacional de Brasília	Situado na porção noroeste do Distrito Federal (DF), a cerca de 10 km do centro de Brasília entre as coordenadas 15° 38' 28" Sul e 48° 1' 15" Oeste. Sua criação está diretamente relacionada com a construção da Capital Federal, devido ao convênio firmado entre o Ministério da Agricultura e a NOVA CAP – Companhia de Desenvolvimento da Nova Capital, para, entre outras tarefas, "propor e criar novas reservas e postos florestais" no Distrito Federal. Abrange as regiões administrativas de Brasília, Sobradinho e Brazlândia e o município goiano de Padre Bernardo.	42,39 mil hectares	1961	O Parque possui diversas atividades de uso público, em particular, o uso das piscinas da "Água Mineral", terminologia utilizada pelo público para identificar o Parque. Os locais mais atrativos para o lazer no Parque são as Piscinas, em especial a Piscina Velha. Como atrativos, possui também o Centro de Educação Ambiental e trilhas abertas para caminhadas e passeios de bicicleta. O Parque possui um centro de visitantes.

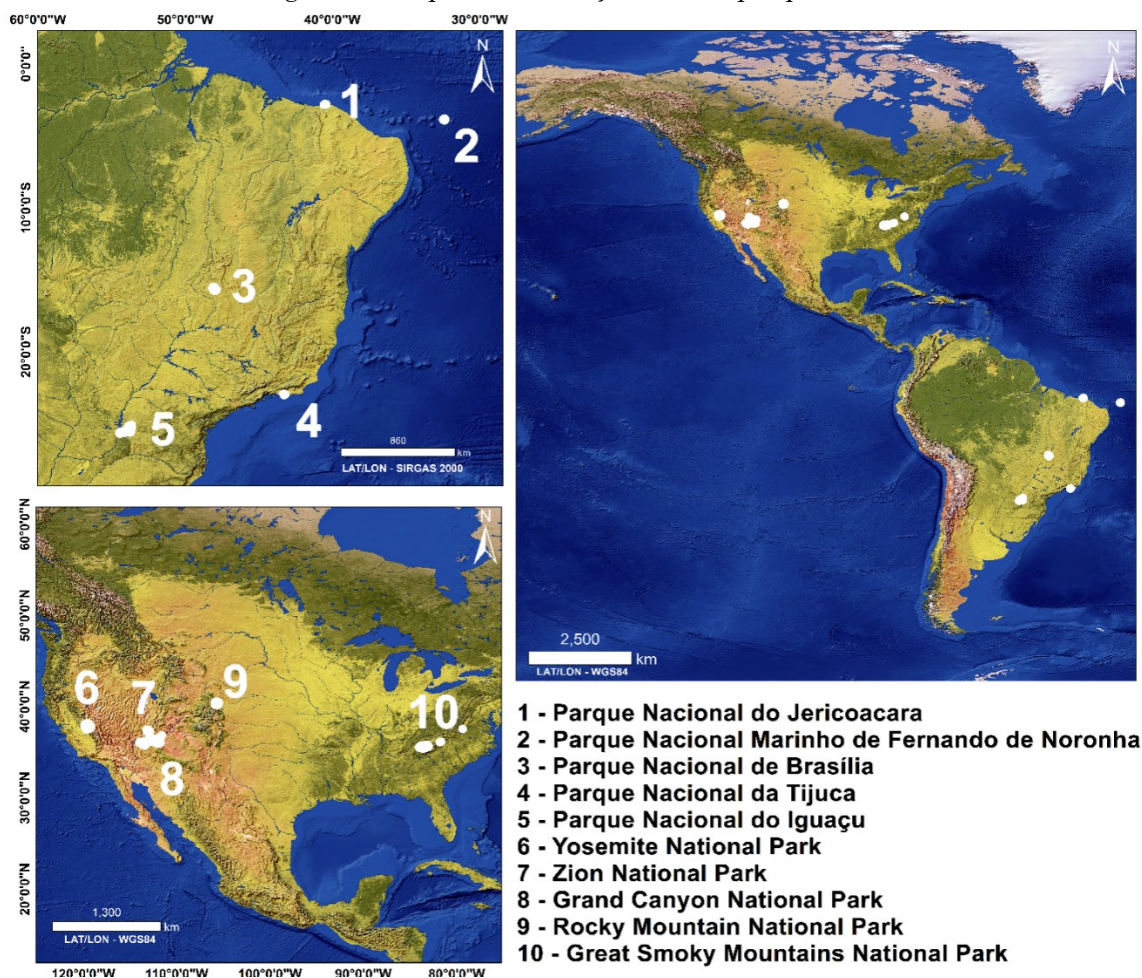
Fonte: BRASIL (1939; 1961; 1967; 2002); ICMBIO (2017b; 2019a; 2019b; 2019c; 2019d); IBAMA; FUNATURA (1990; 1998); ICMBIO; MMA (2008) e MEIRELLES et al., (2011).

Quadro 2 – Informações sobre os Cinco Parque Nacional Estadunidenses estudados

PARQUE NACIONAL	BREVE CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	ÁREA TOTAL	ANO DE CRIAÇÃO	USO PÚBLICO E OPORTUNIDADES DE VISITAÇÃO
Great Smoky Mountains National Park	Localizado na região ocidental entre os estados do Tennessee e da Carolina do Norte, entre as coordenadas 37°11'02"N e 108°29'19" O, tornando-se uma das AP mais extensas dos EUA.	203 mil hectares	1934	Apresenta áreas para diversas atividades, preserva 160 edifícios históricos e estruturas, mantém 25 trilhas, distribuídas em mais de 800 km, com diferentes características para diversos públicos e atividades como ciclismo, pescaria, caminhada, cavalgada, passeios em cachoeiras e prédios históricos, e observação da vida selvagem. Possui ainda um Centro de Informações, três Centros de Visitantes, Parques de Camping e diversas áreas para alimentação, transporte e hospedagem.
Grand Canyon National Park	O PN está localizado na região do Grand Canyon, no estado do Arizona, entre as coordenadas geográficas 36° 6' 3" N e 112° 5' 26" O. O Canyon, que representa o nome do Parque, é um desfiladeiro íngreme esculpido pelo rio Colorado, com 446 km de comprimento, 29 km de largura e 1,6 km de profundidade	492, 6 mil hectares	1919	Possui dois setores, o "South Rim", ou Margem Sul, que está aberto o ano inteiro para visitantes e de onde é possível ter acesso ao Desert View, Hermits Rest e do Grand Canyon Village, um complex diferenciado com atrativos, atividades e centro de transporte, e o "North Rim", ou Margem Norte, que é menos acessível e fica fechado para visitação durante o inverno do hemisfério norte, entre maio e outubro. A principal atração do Parque é o Grand Canyon, o desfiladeiro que atrai milhões de visitantes. Possui ainda três Centros de Visitantes, um Museu, um Centro de Informações, e áreas de visitação com serviços de hospedagem e alimentação.
Zion National Park	Localizado no sudoeste do estado de Utah, entre as coordenadas 37° 12' 00.3" N e 112° 59' 12.9" O. Em 31 de julho de 1909, o Presidente em exercício William H. Taft emitiu a proclamação que reservou 15.200 hectares como Monumento Nacional Mukuntuweap. Em 1918, outra proclamação presidencial ampliou o monumento para 31.080 hectares. Em 1919, o congresso dos EUA estabeleceu a área em Parque Nacional. Em 1937, outro Monumento Nacional, agora chamado de KolobCanyons foi criado, e em 1956, o congresso o acrescentou ao PN.	60, 1 mil hectares	1919	Possui trilhas com diferentes tipos de acesso e níveis de dificuldade e atrativos para observação de aves e da vida selvagem. Apresenta dois Centros de Visitantes, um Museu de História Humana, áreas de Camping e diversas opções de trilhas. Além disso O Zion Lodge possui serviços turísticos de hospedagem, lojas de presentes, correios e alimentação.
Rocky Mountain National Park	Localizado no estado do Colorado dos EUA. A estrutura do Parque é dividida em cinco regiões: Região 1, denominada Lado Oeste; Região 2, Alpina, onde há trilhas acessíveis e mirantes; Região 3, Lado Norte; Região 4, porção mais visitada, área central, com trilhas de fácil acesso; e a Região 5, denominada Lado Sul, onde localiza-se <i>Estes Park/LongsPeak</i> , contém cachoeiras	107,55 mil hectares	1915	O Parque oferece atrativos e atividades recreativas, como caminhadas, passeios panorâmicos, observação da vida selvagem, pesca, programas de educação ambiental e passeios a cavalo. Oferece mais de 130 opções de trilhas, ao longo de 482 km ² , 5 Áreas de Camping; 5 Centros de Visitantes; 1 Centro de Informações; 1 Museu Histórico. O Parque não possui hotéis ou pousadas, apenas áreas de camping.
Yosemite National Park	Localizado nas montanhas da Serra Nevada, na Califórnia, EUA, nos condados de Mariposa e Toulumne.	308, 1 mil hectares	1890	O Parque oferece atrativos e atividades distribuídos em 2.600 km de cursos d'água e 560 km de estradas, além de 1.300 km em trilhas abertas para visitação. Do total, 18 km ² constitui-se do "Yosemite Valley", a atração turística principal.

Fonte: NPS (2013); NPS (2014); NPS (2016); NPS (2019a); NPS (2019c); NPS (2019e); NPS (2020); SANTANA et al. (2016); USA (1864) e YOSEMITE (2019).

Figura 1 - Mapa de localização dos PN pesquisados



- 1 - Parque Nacional do Jericoacara
- 2 - Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha
- 3 - Parque Nacional de Brasília
- 4 - Parque Nacional da Tijuca
- 5 - Parque Nacional do Iguaçu
- 6 - Yosemite National Park
- 7 - Zion National Park
- 8 - Grand Canyon National Park
- 9 - Rocky Mountain National Park
- 10 - Great Smoky Mountains National Park

Elaborado por: Pereira (2021).

Procedimentos Metodológicos

O estudo foi conduzido pela abordagem qualitativa, com base na pesquisa bibliográfica e documental dos *sites* oficiais e planos de gestão (PRODANOV; FREITAS, 2013) com recorte temporal em 2017. Para obtenção dos dados foram utilizados os *sites* oficiais de cada Unidade e dos órgãos responsáveis pela gestão destes locais, sendo no Brasil, o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBIO) (CATARATAS DO IGUAÇU, 2019; ICMBIO, 2019a; ICMBIO, 2019b; ICMBIO, 2019c; ICMBIO, 2019d; ICMBIO, 2019e; PARQUE NACIONAL DA TIJUCA, 2019; PARQUE NACIONAL MARINHO DE FERNANDO DE NORONHA, 2019; PORTAL JERICOACOARA, 2019), e nos Estados Unidos, o *National Park Service* (NPS) (NPS, 2019a; NPS, 2019b; NPS, 2019c; NPS, 2019d; NPS, 2019e; ROCKY MOUNTAINS NATIONAL PARK, 2019).

Pesquisou-se nos documentos pertinentes, as características turísticas, as áreas de visitação, a estrutura e atrativos dos PN no Brasil (IBAMA; FUNATURA, 1990; IBAMA;

FUNATURA, 1998; ICMBIO; MMA, 2008; ICMBIO, 2011a; ICMBIO, 2017b; ICMBIO, 2018b) e nos Estados Unidos (NPS, 1976; NPS, 2001; NPS, 2004; NPS, 2007; NPS, 2010; NPS, 2014; NPS, 2016; NPS, 2017a; NPS, 2017b; NPS, 2017c; NPS, 2017d; NPS, 2018a; NPS, 2018b; NPS, 2018c; NPS, 2018d), possibilitando identificar informações a respeito do uso público e visitação para compreender o que as Unidades têm oferecido e como isso influencia a diversidade de opções que o visitante tem para a visita turística.

A análise das oportunidades foi realizada por meio do método ROS (BROWN et al., 1978; CLARK; STANKEY, 1979; ORMSBY et al., 2004; BROWN et al., 2005; ICMBIO, 2011b; ICMBIO, 2018a), aplicado em estudos qualitativos anteriores (WALLACE, 2002; SOUZA; NORONHA-OLIVEIRA, 2012; BIRKEMOSE, 2015) para identificar as áreas específicas de recreação oferecidas nos PN, permitindo a definição de um zoneamento de oportunidades recreativas, o qual é dividido em classes (LEE et al., 2013).

A pesquisa utiliza a matriz de cinco Classes

de Oportunidades, sendo elas: Prístina, Primitiva, Natural, Rural e Urbana. Por meio de consulta direta à documentação, identificou-se e descreveu-se as oportunidades encontradas a partir de sua respectiva classe para verificar se os Parques possuem características que se enquadram em cada uma daquelas propostas pelo ROS (SOUZA; NORONHA-OLIVEIRA, 2012). Para compreendê-las, é apresentada no Quadro 3, a pergunta direta realizada por meio

da análise documental e a relação entre as classes, seus atributos e a definição dos respectivos graus de intervenção.

É importante mencionar que a pesquisa não pretendeu realizar nenhuma abordagem comparativa entre os dois países, mas possibilitou visualizar, de maneira conjunta, se os PN mais visitados do Brasil e EUA oferecem aos seus visitantes um espectro de oportunidades de uso público.

Quadro 3 - Classes de Oportunidades de Visitação de acordo com grau de intervenção humana e seus atributos correspondentes

Classe de oportunidade	Análise documental	Atributos da classe
Prístina	Há zonas reservadas com alto grau de naturalidade; acesso difícil; nenhuma infraestrutura ou intervenção; pouca evidência de atividade recreativa?	<u>Visitação de Baixo Grau de Intervenção.</u> Alto grau de naturalidade e integridade dos processos ecológicos; pouca evidência de atividades humanas e baixa probabilidade de encontros com outras pessoas. O acesso é difícil, o nível de desafio e risco assumido pelo visitante é alto; e é incomum a presença de estradas ou atividades motorizadas.
Primitiva	Há zonas de visitação, ainda com alto grau de naturalidade, mas possibilidade de acesso por veículos, e estrutura mínima para atividade turística?	<u>Visitação de Médio Grau de Intervenção.</u> Alto grau de naturalidade e integridade dos processos ecológicos; pouca evidência de atividades humanas. O acesso tem trilhas, as quais devem ser acompanhadas de guias; muitos espaços sem trilhas demarcadas; pouca infraestrutura; existe oportunidade para experimentar autonomia, solidão e desafios.
Natural	Há zonas com atividades turísticas facilmente acessíveis, trilhas demarcadas, infraestrutura turística, e presença de áreas de camping e centro de visitantes?	<u>Visitação de Alto Grau de Intervenção.</u> O ambiente tem características naturais, e pode haver atividades humanas; a paisagem tem atributos naturais e culturais; o acesso pode se dar de forma motorizada ou a pé, por trilhas bem marcadas; os encontros e a interação com outros visitantes são frequentes; a infraestrutura de apoio está planejada para o uso intensivo de visitantes, com painéis e placas informativas; permitindo trilhas autoguiadas. Nesta classe, encontra-se centro de visitantes e áreas de camping.
Rural	Há zonas com comunidades locais adjacentes à zona de amortecimento, acessíveis por estradas ou trilhas rurais, possibilitando vivência com o modo de vida local e interação entre moradores e visitantes?	<u>Visitação de Alto Grau de Intervenção.</u> Compreende áreas naturais e assentamentos rurais adjacentes na zona de amortecimento da unidade. O acesso se dá por estradas rurais e trilhas que conectam as propriedades aos limites da unidade; pode haver oferta de serviços para apreciar a cultura local, as práticas e o modo de vida da região. Há possibilidade de interação entre a população local e visitantes. A infraestrutura é geralmente simples e rústica.
Urbana	Há zonas com estrutura turística comercial ou administrativa desenvolvida; intervenções visíveis, onde a presença humana é predominante, registrando-se, ainda, facilidades para alimentação, estacionamento e hospedagem?	<u>Visitação de Alto Grau de Intervenção.</u> Ambiente caracterizado por uma mescla de usos comerciais e turísticos; a área oferece serviços para o turista, como transporte, hotéis, restaurantes variados, hospitais e há encontros constantes com pessoas de diferentes origens.

Fonte: Brown et al (2005); Souza e Noronha-Oliveira (2012); ICMBIO (2018a). Adaptado: os autores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da hipótese de que os PN mais visitados são os que oferecem mais oportunidades recreativas, o estudo inicialmente destaca que as taxas de visitação dos PN dos EUA são mais altas que dos PN do Brasil, uma vez que a soma nos cinco PN estadunidenses estudados representa cerca de cinco vezes mais visitantes que a soma dos cinco PN brasileiros (Tabela 1). Todavia, os dois PN brasileiros mais visitados, Tijuca e Iguçu, representam 78% do total de visitantes dos PN brasileiros estudados, sendo

que os outros três PN do ranking representam juntos cerca de 22%.

Os Parques oferecem diferentes oportunidades distribuídas nas cinco classes (Quadros 4 e 5). Esse cenário aponta tendência de que os Parques mais visitados possuem mais oportunidades disponíveis, sugerindo existir relação entre o número de oportunidades recreativas oferecidas e o número de visitantes que o Parque passa a receber, tanto em relação aos brasileiros quanto aos estadunidenses (BROWN et al., 2005). A Figura 2 apresenta o espectro de oportunidades encontrado em cada país.

Tabela 1 - Ranking de visitação dos Parques Nacionais brasileiros e estadunidenses em 2017.

Parques nacionais pesquisados		Visitas no ano de 2017
Brasil	Tijuca	3.300.000
	Iguaçu	1.788.922
	Jericoacoara	780.000
	Marinho de Fernando de Noronha	389.744
	Brasília	265.518
	Total	6.524.184
Estados Unidos	<i>Great Smoky Mountains</i>	11.388.893
	<i>Grand Canyon</i>	6.254.238
	<i>Zion</i>	4.504.812
	<i>Rocky Mountain</i>	4.437.215
	<i>Yosemite</i>	4.336.890
	Total	30.922.048

Fonte: ICMBIO (2017a); NPS (2020); os autores (2019).

Quadro 4 - Oportunidades recreativas identificadas nos cinco PN brasileiros estudados e enquadradas nas cinco classes.

PARQUES NACIONAIS	CLASSES DE OPORTUNIDADES				
	PRÍSTINA	PRIMITIVA	NATURAL	RURAL	URBANA
TIJUCA	31 áreas de visitação (50% da área do parque).	Sete áreas de visitação (locais com trilhas de acesso).	264 áreas de visitação. Um centro de visitantes; 153 atrativos; 128 km de trilhas.	Três áreas de visitação (locais de acesso aos bairros adjacentes ao parque).	28 áreas de visitação (entre restaurantes, lanchonetes, áreas para piquenique, estacionamento e loja de presentes).
IGUAÇU	Três áreas de visitação (60% da área do parque).	12 áreas de visitação (trilhas primitivas).	Nove áreas de visitação (um centro de visitantes; quatro trilhas principais; cinco atrativos).	Quatro áreas de visitação (trilhas de acesso aos municípios adjacentes).	Três áreas de visitação (estação da administração, estação espaço porto canoa e praça de alimentação).
JERICOACOARA	-	Quatro áreas de visitação (trilhas primitivas)	26 áreas de visitação (dois setores para os esportes de vento; 17 atrativos; sete trilhas). Não possui centro de visitantes.	Oito áreas de visitação (trilhas de acesso às vilas e assentamentos adjacentes ao limite do parque).	Quatro áreas de visitação. (portarias, com guaritas para controle do acesso e registro de entrada de visitantes).
FERNANDO DE NORONHA	Quatro áreas de visitação (monitoramento e pesquisas científica)	10 áreas de visitação (locais de passeio de barco).	34 áreas de visitação (oito trilhas; 19 atrativos; seis sítios históricos; um centro de visitantes).	12 áreas de visitação (acesso às vilas do entorno e aos sítios históricos).	Cinco áreas de visitação; 102 opções de hospedagem apenas no arquipélago.
BRASÍLIA	Quatro áreas de visitação. (pesquisa científica)	15 áreas de visitação (circundantes da zona prístina).	Sete áreas de visitação (um centro de visitantes; trilhas e atrativos).	Duas áreas de visitação. Estradas de acesso a municípios do entorno	Oito áreas de visitação. (restaurantes, lanchonete, posto médico, bicicletário, posto de apoio e sede).

Fonte: Os autores (2020).

Quadro 5. Oportunidades recreativas identificadas nos cinco PN estadunidenses estudados e enquadradas nas cinco classes.

PARQUES NACIONAIS	CLASSES DE OPORTUNIDADES				
	PRÍSTINA	PRIMITIVA	NATURAL	RURAL	URBANA
GRAND CANYON	Nove áreas de visitação. (Rotas “Wild” e Áreas de Pesquisa)	4 áreas de visitação (Trilhas primitivas).	21 áreas de visitação (Três Centros de Visitantes; Um Museu; Um Centro de informações; 11 trilhas; Desert View).	Duas áreas de visitação (Desert View Drive e acesso ao Grand Canyon Village) atividades e centro de transporte.	Sete áreas de visitação. Centro de Informações; sanitários, estacionamento, áreas para piqueniques e acesso a diversas trilhas; hospedagem e restaurantes; Grand Canyon Lodge e Grand Canyon Village
ZION	Uma área de visitação (Zion Wilderness).	Duas áreas de visitação (Zion Wilderness – Backpacking; Timber Creek Overlook Trail).	24 áreas de visitação (Dois Centros de Visitantes; Um Museu; Três Áreas de Camping; 18 trilhas).	1 área de visitação. Estrada Sul - Acesso a Cidade de Springdale	4 áreas de visitação (áreas para alimentação e hospedagem). Zion Lodge (oportunidade com inúmeros serviços turísticos).
ROCKY MOUNTAINS	Três áreas de visitação (Specimen Mountain, West Creek e Paradise Park).	Quatro áreas de visitação (Bear Lake, Wild Basin, Longs Peak, Agnes-Vaille).	142 áreas de visitação (Cinco Áreas de Camping; Cinco Centros de Visitantes; Um Centro de Informações; Um Museu Histórico; 130 trilhas).	Quatro áreas de visitação (Trilhas com estrutura turística de apoio a duas estradas; oferecem acesso aos municípios do entorno (Grand Lake e Estes Park).	19 áreas de visitação. Ao contrário dos outros Parques dos EUA estudados, o Rocky Mountain não possui hotéis ou pousadas, apenas áreas de camping.
YOSEMITE	-	Duas áreas de visitação (Trilha Half Dome e John Muir).	22 áreas de visitação (Três Centros de Visitantes; Um Centro Wilderness; Museu; Centro Natural e de Arte; Centro de Conservação; Centro de História de Yosemite; Hill's Studio; 13 áreas de camping)	Quatro áreas de visitação (Yosemite Valley; Wawona Bosque Mariposa; Tuolumme Meadows; e Tioga Road)- possuem comunidades particulares que oferecem práticas de turismo.	15 áreas de visitação (locais de hospedagem, serviços de alimentação, áreas para piquenique e sanitários)

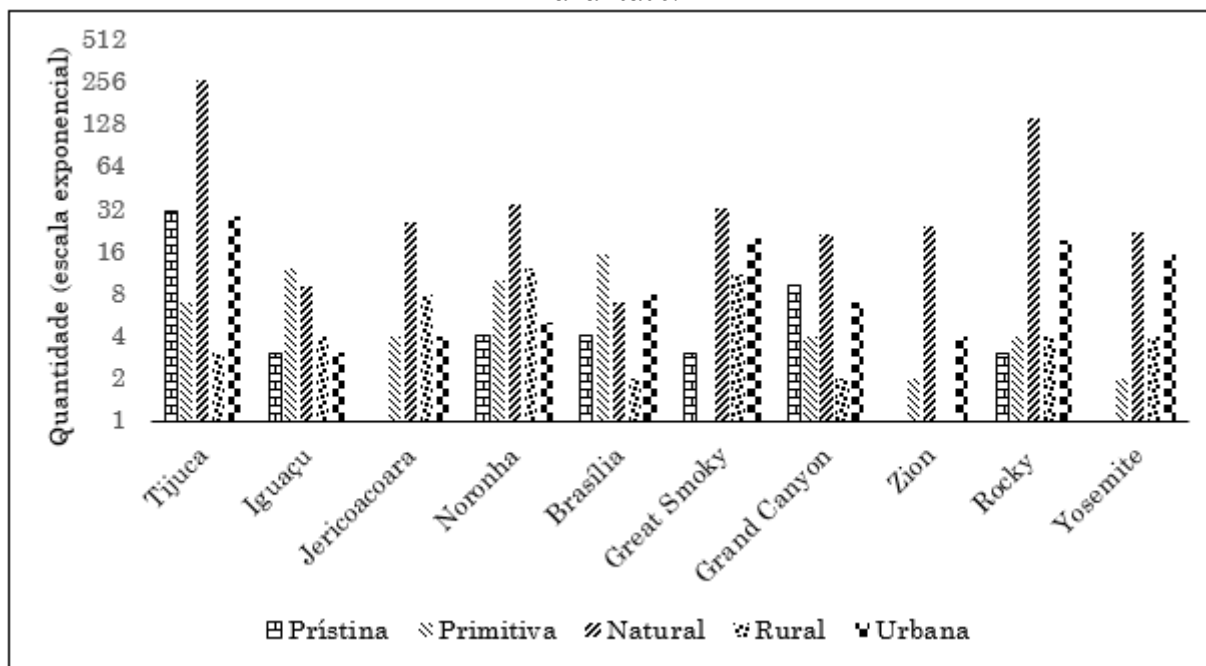
Fonte: Os autores (2020).

Segundo alguns estudos (BROWN et al., 1978; CLARK; STANKEY, 1979; TAKAHASHI, 2004; BROWN et al., 2005; ICMBIO, 2011b; COELHO, 2015; ICMBIO, 2018a), para a aplicação da metodologia ROS não existe um único perfil de visitante, o que demanda diferentes oportunidades e ambientes para satisfazer um público diversificado. Neste sentido, cada ambiente, dentro da Área Protegida, é apto da combinação de diversas experiências, para diferentes tipos de visitantes. O espectro favorece essa diversidade a um nível adequado de proteção e utilização dos recursos e atrações turísticas. Todos os PN estudados possuem diversidade de experiências para turistas potenciais com suas diferentes

expectativas.

É importante destacar que o ROS pode ser aplicado em qualquer Categoria de Manejo, não somente em Parques. Coelho *et al.* (2015) demonstram que o estabelecimento de zonas de recreação também em outras categorias de UC auxilia o planejamento e gestão da visitação. Definir normas de uso para cada local, delimitando regras de acesso e utilização, permitiu contribuir para a conservação na Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Fazenda Cabeceira do Prata – Jardim (MS). O ROS é fundamental para regulamentar o uso público e o Plano de Gestão da Unidade.

Figura 2 - Quantidade de oportunidades recreativas distribuídas nas cinco classes para cada PN analisado.



Fonte: Os autores (2020).

Nesta perspectiva, o presente estudo mostrou que os atributos naturais, sociais e de gestão, indispensáveis para a aplicação do espectro do ROS, são de significativa importância para administrar o uso turístico e recreativo dos visitantes. Sua importância relativa à organização, planejamento e gestão da recreação contribuem para definir e classificar o espectro de cada área estudada, uma vez que as cinco classes utilizadas no trabalho permitem fornecer objetivos e diretrizes para cada ambiente. Portanto, o ROS é de fato, ferramenta estratégica importante para o gerenciamento do uso dos visitantes.

CONCLUSÕES

A partir do gradiente de classes proposto pelo ROS, todos os PN estudados possuem as classes recreativas atrativas para demanda diversificada. Os Parques mais visitados de fato disponibilizam diferentes oportunidades para diversos tipos de turistas, fato que acontece tanto em PN brasileiros como em PN estadunidenses. Segundo a literatura, a diversidade de experiências e oportunidades oferecidas diferem significativamente na quantidade de visitantes na área.

Por outro lado, as taxas de visitação dos PN dos Estados Unidos representam cinco vezes mais que a soma dos cinco PN brasileiros, os quais enfrentam questões relacionados a

diversidade de atrativos, trilhas e atividades disponíveis, efetividade de gestão, recursos humanos e investimentos, que reforçam a necessidade de ferramentas de planejamento, as quais sem elas, pode-se prejudicar o desenvolvimento turístico sustentável. Fica evidente, portanto, a urgência na mudança de paradigmas, comportamentos e políticas públicas relacionadas a conservação da natureza no Brasil.

É importante considerar que, a gestão da Unidade deve ser composta pelo conjunto total de atributos, incluindo condições de acesso, atividades, estrutura e serviços, aspectos que as UC brasileiras ainda necessitam melhorar. Apesar de cada ambiente dentro da AP ser apto a oferecer diversas experiências, o ROS preconiza que o rol de oportunidades deve ser complementado pelas oportunidades oferecidas também no entorno e nas demais áreas turísticas existentes na região, e não apenas dentro da área da UC. A visão do planejamento deve ser ampla e as oportunidades oferecidas devem ser compatíveis com a categoria e com os objetivos pré-estabelecidos.

As limitações na aplicação do ROS neste trabalho implicam no fato de que o método não preconiza a utilização de entrevistas com gestores de Áreas Protegidas ou aplicação de questionários com visitantes. Além disso, existe uma lacuna nos planos de gestão e documentos referentes à visitação turística dos Parques estudados. Apesar da lei brasileira indicar a elaboração do documento no prazo de cinco anos

a partir da sua criação, muitos planos continuam antigos, desatualizados e utilizam dados secundários, sem padronizar ou normalizar a utilização de uma estrutura única para todas as UC. Neste sentido, a ferramenta ROS, pautada no zoneamento de oportunidades recreativas pode ser aplicado na elaboração de Planos de Gestão, como forma de organizar o uso público e turístico e potencializar o planejamento e a gestão, definindo regras adequadas para cada ambiente propício a receber visitantes.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a UFSJ pela concessão da bolsa de pós-graduação ao primeiro autor; ao Grupo de Pesquisa em Áreas Naturais Protegidas – IF SUDESTE-MG; ao Grupo Brasil Verde; e ao Professor Gabriel Pereira (UFSJ) pela assessoria cartográfica.

REFERÊNCIAS

- BIRKEMOSE, M. **Tourists perception of Recreational Opportunity Spectrum as a management tool in Fulufjället National Park**. 2015. 64f. Dissertation (Master) - Norwegian University of Life Sciences, Norway, 2015. Disponível em: <https://nmbu.brage.unit.no/nmbu-xmlui/handle/11250/295847>. Acesso em: 25 jan. 2019.
- BRASIL. Decreto nº 1.035, de 10 de janeiro de 1939. Cria o Parque Nacional do Iguassú e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1939. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1035-10-janeiro-1939-372797-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 set. 2018.
- BRASIL. Decreto nº 241, de 29 de novembro de 1961. Cria o Parque Nacional de Brasília, no Distrito Federal, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dcm/dcm241.html. Acesso em: 12 set. 2018.
- BRASIL. Decreto Federal nº 60.183 de 8 de fevereiro de 1967. Altera o nome do Parque Nacional do Rio de Janeiro, criado pelo Decreto nº 50.923, de 6 de julho de 1961, para Parque Nacional da Tijuca, com as dimensões e demais características previstas no presente Decreto, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1967. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto60183-8-fevereiro-1967-401706-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 set. 2018.
- BRASIL. Decreto nº 96.693, de 14 de setembro de 1988. Cria o Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1988/decreto-96693-14-setembro-1988-447461-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 set. 2018.
- BRASIL. Decreto s/nº de 4 de fevereiro de 2002. Cria o Parque Nacional de Jericoacoara, redefine os limites da Área de Proteção Ambiental de Jericoacoara, no Estado do Ceará, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 2002. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_sn/2002/decreto-50767-4-fevereiro-2002-600357-publicacaooriginal-122352-pe.html. Acesso em: 21 set. 2018.
- BROWN, P.; DRIVER, B. L.; MCCONNELL, C. **The Opportunity Spectrum: Concept and Behavioral Information in Outdoor Recreation Resource Supply Inventories: Background and Application**. **Forest Management Faculty Publications**. University of Montana, 1978. Disponível em: https://scholarworks.umt.edu/forest_pubs/31/. Acesso em: 21 fev. 2019.
- BROWN, P.; WALLACE, G.; NEWMAN, P.; WURZ, J.; LECHNER, L.; STOLL, D.; FINCHUM, R. MCGLAUGHLIN, W.; COURRAU, J.; BAUER, J.; VALENZUELA, F. **ROVAP: el Rango de Oportunidades para Visitantes em Areas Protegidas**. CIPAM/USDA, 2005.
- CATARATAS DO IGUAÇU. Visite as Cataratas do Iguaçu [online]. 2019. Disponível em: <https://cataratasdoiguacu.com.br/>. Acesso em: 19 fev. 2019.
- CLARK, R.N.; STANKEY, G.H. **The Recreation Opportunity Spectrum: a framework for planning, management and research**. USDA: Forest Service Research Paper, 1979.
- CNUC. Cadastro Nacional de Unidades de Conservação [online]. 2019. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/areas-protegidas/cadastro-nacional-de-ucs>. Acesso em: 15 nov. 2019.
- COELHO, M. DE F. **O que Atrai o Turista? Gestão da Competitividade de Destinos a partir de Atrações e da Atratividade Turística**. Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade, v. 7, nº 4, 2015. p. 489-505. <https://doi.org/10.18226/21789061.v7iss4p489>
- CUNHA, C. P. SPINOLA, C. A. **Parque Nacional: Um conceito com múltiplas interpretações**. In: **XIII SEPA – Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, UNIFACS, 2014. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/3377>. Acesso em: 18 fev. 2019.
- DRIVER, B. L.; BROWN, P. J. **The opportunity spectrum concept and behavioral information in outdoor recreation resource supply inventories: a rationale**. **Integrated inventories of renewable natural resources: proceedings of the**

- workshop**. Jan. 8-12, Arizona, 1978. Disponível em: <https://agris.fao.org/agris-search/search.do?recordID=US7896925>. Acesso em: 14 fev. 2019.
- DRUMMOND, J. A.; FRANCO, J. L. DE A.; OLIVEIRA, D. DE. Uma análise sobre a história e a situação das Unidades de Conservação no Brasil. In: GANEM, R. S. (org.). **Conservação da biodiversidade: legislação e políticas públicas**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. p.341-385. Disponível em: https://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/28053/mod_resource/content/1/Drummond_et_al_2010_UC_1_egislacao_historico.pdf. Acesso em: 21 fev. 2019.
- GOMES, C. R. **Análise das oportunidades recreativas oferecidas em parques nacionais no Brasil e nos Estados Unidos**. 2020, 143 f. Master Dissertation. Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2020. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgeog/Carolina%20Ribeiro%20Gomes.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- IBAMA; FUNATURA. Plano de Manejo do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis/ Fundação Pró-natureza, 1990. 253 p. Disponível em: https://issuu.com/projetogolfinhorotador/docs/_parna_a_marinha_de_fernando_de_noron. Acesso em: 21 fev. 2019.
- IBAMA; FUNATURA. Plano de Manejo do Parque Nacional de Brasília. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis/ Fundação Pró-natureza, 1998. 305p. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/PARNA%20Brasilia.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2019.
- ICMBIO. Plano de Manejo do Parque Nacional de Jericoacoara. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2011a. 217p. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/Contextualizacao.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2019.
- ICMBIO. Roteiro Metodológico para Manejo de Impactos da Visitação com Enfoque na Experiência do Visitante e na Proteção dos Recursos Naturais e Culturais. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2011b. 88p. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/roteiro_impacto.pdf. Acesso em: 28 set. 2018.
- ICMBIO. Dados de Visitação 2007 – 2016. Instituto Chico Mendes da Biodiversidade, 2017a. Disponível em: http://www.ICMBIO.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/noticias/2017/dados_de_visitacao_2012_2016.pdf. Acesso em: 24 set. 2017.
- ICMBIO. Relatório Anual do Parque Nacional da Tijuca. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2017b. Disponível em: http://Parquenacionaldatijuca.rio/files/report_anual_2017.pdf. Acesso em: 25 jan. 2019.
- ICMBIO. Rol de Oportunidades de Visitação em Unidades de Conservação (ROVUC). In: CREMA, A.; FARIA, P. E. P. (orgs). Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018a, 43 p. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/edital/rovuc_rol_de_oportunidades_de_visitacao_em_unidades_de_conservacao.pdf. Acesso em: 24 set. 2017.
- ICMBIO. Plano de Manejo do Parque Nacional do Iguçu. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018b. 57p. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/plano-de-manejo/plano_de_manejo_do_parna_do_iguacu_fev_ereiro_2018.pdf. Acesso em: 18 fev. 2019.
- ICMBIO. Guia do Visitante – Parque Nacional da Tijuca [online]. 2019a. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/parnatijuca/guia-do-visitante.html>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- ICMBIO. Guia do Visitante – Parque Nacional do Iguçu [online]. 2019b. Disponível em: <http://www.ICMBIO.gov.br/parnaiguacu/guia-do-visitante.html>. Acesso em: 12 fev. 2019
- ICMBIO. Parque Nacional de Brasília [online]. 2019c. Disponível em: <http://www.ICMBIO.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/213-Parque-nacional-de-brasilia.html>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- ICMBIO. Parque Nacional de Jericoacoara [online]. 2019d. Disponível em: <http://www.ICMBIO.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/190-Parque-nacional-de-gericoacoara.html>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- ICMBIO. Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha [online]. 2019e. Disponível em: <http://www.ICMBIO.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/192-Parque-nacional-marinho-fernando-de-noronha.html>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- ICMBIO; MMA. Plano de Manejo do Parque Nacional da Tijuca. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/Ministério do Meio Ambiente, 2008. 1365p. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/parna_tijuca_pm.pdf. Acesso em: 22 fev. 2019.
- IUCN. Protected Area Categories. 2019. Disponível em: <https://www.iucn.org/theme/protected-areas/about/protected-area-categories>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- LEE, M.; BEARD, J.; THOMPSON, F. Recreation Opportunity Spectrum (ROS). 30 Slides. Northern Arizona University. Forest Service, Department of Agriculture, 2013. Disponível em: https://www.fs.usda.gov/Internet/FSE_DOCUMENTS/stelprdb5412128.pdf. Acesso em: 12 fev. 2019.
- MANNING, R.E. How much is too much? Carrying capacity of national parks and protected areas. In: Arnberger, A.; Brandenburg, C.; Muhar, A. (Ed.). Monitoring and management of visitor flows in recreational and protected areas. Conference

- Proceedings. Vienna: 2002. p.306-313. Disponível em: <http://npshistory.com/publications/social-science/how-much.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2019.
- MEIRELLES, A. J. de A.; DANTAS, E. W. C.; DA SILVA, E. V. Parque Nacional de Jerioacoara: trilhas para a sustentabilidade. Fortaleza: Edições UFC, 2011, 157p. Disponível em: <http://www.ppggeografia.ufc.br/images/livrojeriocoacoaraii.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2019.
- MENEGUEL, C.A, ETCHEBEHERE, M.L.C. Parques Nacionais no Brasil e a prática do turismo sustentável. **Revista Hospitalidade**, v.8, n.1, p.78-94, 2011. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/384/444>. Acesso em: 22 jan. 2019.
- NPS. Final Master Plan Rocky Mountain National Park. National Park Service, 1976. Disponível em: https://www.nps.gov/romo/learn/management/upload/final_master_plan.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019
- NPS. Backcountry/Wilderness Management Plan and Environmental Assessment. Rocky Mountain National Park. National Park Service, 2001. Disponível em: <https://winapps.umd.edu/winapps/media2/wilderness/toolboxes/documents/planning/ROMO%20BWP%202001.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- NPS. Grand Canyon National Park South Rim: visitor Study. LITTLEJOHN, M. A.; HOLLENHORST, S.J (orgs). National Park Service, 2004. 136p. Disponível em: <https://www.coconino.az.gov/DocumentCenter/View/27890/2003-Grand-Canyon-NPS-Visitor-Study?bidId=>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- NPS. Widforss Trail. Grand Canyon National Park. National Park Service, 2007. Disponível em: <https://www.nps.gov/grca/planyourvisit/upload/Widfross.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- NPS. Mapa y Guia Zion National Park. National Park Service. 2010. Disponível em: <https://www.nps.gov/zion/planyourvisit/upload/ZionSpanishMG2010.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- NPS. Foundation Document Zion National Park. National Park Service, 2013. Disponível em: https://www.nps.gov/zion/learn/management/upload/ZION_Foundation_Document_SP2.pdf. Acesso em: 16 fev. 2019.
- NPS. Trail Map and Guide. Great Smoky Mountains National Park. National Park Service, 2014. Disponível em: https://www.nps.gov/grsm/planyourvisit/upload/GS MNP-Map_JUNE14-complete4-2.pdf. Acesso em: 26 may 2018.
- NPS. Smokies Trip Planner Great Smoky Mountains National Park. National Park Service, 2016. Disponível em: <https://www.nps.gov/grsm/planyourvisit/upload/2016-trip-planner-w-map.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2018.
- NPS. Desert View. Grand Canyon National Park. National Park Service. 2017a. Disponível em: https://www.nps.gov/grca/planyourvisit/upload/Desert_View-b.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019
- NPS. Pocket Map: North Rim Services Guide. Grand Canyon National Park. National Park Service, 2017b. Disponível em: <https://www.nps.gov/grca/learn/news/upload/nr-pocket-map.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- NPS. Pocket Map South Rim Services Guide. Grand Canyon National Park. National Park Service, 2017c. Disponível em: <https://www.nps.gov/grca/learn/news/upload/sr-pocket-map.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019
- NPS. Visitor Use Management Plan. Zion National Park. National Park Service. 2017d. Disponível em: https://www.peer.org/assets/docs/nps/8_3_17_Zion_preliminary_concepts.pdf. Acesso em: 03 fev. 2019.
- NPS. Information Sheet Zion National Park. National Park Service. 2018a. Disponível em: <https://www.nps.gov/zion/planyourvisit/upload/ZIONSPRING2018TEAR.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2019.
- NPS. Trip Planner (Planificador de Viaje). Grand Canyon National Park. National Park Service. 2018b. Disponível em: https://www.nps.gov/grca/learn/news/upload/grca_spanish.pdf. Acesso em: 04 fev. 2019.
- NPS. Wilderness Guide Zion National Park. National Park Service. 2018c. Disponível em: <https://www.nps.gov/zion/learn/news/upload/Wilderness-Guide-2019-small.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2019.
- NPS. Winter Information Sheet Zion National Park. National Park Service. 2018d. Disponível em: <https://www.nps.gov/zion/learn/news/upload/WINTER-TEAR-SHEET-2018-Updated2.pdf>. Access: 04 fev. 2019.
- NPS. Grand Canyon National Park. National Park Service. 2019a. Disponível em: <https://www.nps.gov/grca/index.htm>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- NPS. Great Smoky Mountains National Park. National Park Service. 2019b. Disponível em: <https://www.nps.gov/grsm/index.htm>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- NPS. Rocky Mountain National Park. National Park Service. 2019c. Disponível em: <https://www.nps.gov/romo/index.htm>. Acesso em: 23 fev. 2019.
- NPS. Yosemite National Park. National Park Service. 2019d. Disponível em: <https://www.nps.gov/yose/index.htm>. Acesso em: 23 fev. 2019.
- NPS. Zion National Park. National Park Service. 2019e. Disponível em: <https://www.nps.gov/zion/index.htm>. Acesso em: 21 fev. 2019.
- NPS. National Park Service - Visitation Numbers.2020. Disponível em: <https://www.nps.gov/aboutus/visitation-numbers.htm>. Acesso em: 03 ago. 2020.
- ORMSBY, J.; MOSCARDO, G.; PEARCE, P.; FOXLEE, J. A Review of Research into Tourist and Recreational Uses of Protected Natural Areas. Great Barrier Reef Marine Park Authority. Townsville, 2004. Disponível em: <https://elibrary.gbrmpa.gov.au/jspui/retrieve/16d6b09d-43ab-4914-bd04-f393e2b76f10/A-review-of-research-into-tourist-and-recreational-uses-of-protected-natural-areas.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2019.

- PARQUE NACIONAL DA TIJUCA. 2019. Disponível em: <http://www.Parquedatijuca.com.br/>. Acesso em: 25 jan. 2019.
- PARQUE NACIONAL MARINHO DE FERNANDO DE NORONHA. 2019. Disponível em: <https://www.parnanoronha.com.br/>. Acesso em: 04 fev. 2019.
- PIRES, P.; RUGINE, V. Reconhecimento do Uso Público nos Parques Estaduais no Brasil com ênfase na visitação turística. **Revista Brasileira De Ecoturismo**, v. 11, n°1, p.61-80, 2018. <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2018.v11.6667>
- PORTAL JERICOACOARA [online]. 2019. Disponível em: http://www.portaljericoacoara.com.br/Parque_nacional_jericoacoara.html. Acesso em: 15 fev. 2019.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. Metodologia do trabalho científico [electronic resource]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RECH, I.; PERELLO, L.; CANTO-SILVA, C. Panorama do Uso Público em Parques Estaduais do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira De Ecoturismo**, v. 10, n° 4, 2017. <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2017.v10.6657>
- ROCKY MOUNTAINS NATIONAL PARK. Vacation and Travel Information [online]. 2019. Disponível em: <https://rockymountainnationalpark.com/>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- SALVIO, G. M. M.; GOMES, C. R. Protected Area Systems in South American Countries. **Floresta Ambiente**. v. 25, n. 4, 2018. <https://doi.org/10.1590/2179-8087.113417>
- SANTANA, R.C.B.; SILVA, H.P.; CARVALHO, R.M.C.M.O.; FRUTUOSO, M.N.M.A. A importância das Unidades de Conservação do Arquipélago de Fernando de Noronha. **Holos**, n.32, v. 7, p.15-31, 2016. <https://doi.org/10.15628/holos.2016.4217>
- SOUZA, L.H.; NORONHA-OLIVEIRA, M.V. Zoneamento turístico em Áreas Naturais Protegidas: um diálogo entre conservação, oferta de atrativos e perfil da demanda ecoturística. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.5, n.2, p.197-222. 2012. <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2012.v5.6045>
- TAKAHASHI, L. **Uso Público em unidades de conservação**. Cadernos de Conservação. Fundação O Boticário de Proteção à Natureza. Ano 2, n.2, 2004.
- TERBORGH, J.; SCHAİK, C. V. Por que o mundo necessita de Parques. In: TERBORGH, J.; VAN SCHAİK, C.; DAVENPORT, L; RAO, M. (Orgs). **Tornando os Parques Eficientes: estratégias para a conservação da natureza nos trópicos**. Curitiba: Fundação O Boticário, 2002.
- USA. Yosemite Act, June 30, 1864. An act authorizing a Grant to the State of California of the "Yosemite Valley," and of the land embracing the "Mariposa Big Tree Grove". United States of America Congress. District of Columbia, Washington, 1864. Disponível em: https://www.nps.gov/yose/learn/management/enabling_leg.htm. Acesso em: 23 may 2019.
- USA. Act n° 227, February 26, 1919. An Act To establish the Grand Canyon National Park in the State of Arizona. United States of America Congress. District of Columbia, Washington, 1919. Disponível em: <https://www.loc.gov/law/help/statutes-at-large/65th-congress/session-3/c65s3ch44.pdf>. Acesso em: 20 may 2019.
- WALLACE, G. Administração do visitante: lições do Parque Nacional de Galápagos. In: Lindberg, K.; Hawkins, D. (orgs). **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: SENAC. pp. 93-140, 2002.
- YOSEMITE National Park established. 2019. Disponível em: <https://www.history.com/this-day-inhistory/yosemite-national-park-established>. Acesso em: 25 nov. 2019.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Carolina Ribeiro Gomes concebeu o estudo, analisou os dados e redigiu o texto. Múcio do Amaral Figueiredo orientou o estudo, analisou os dados, trabalhou na redação e revisão do texto. Geraldo Majela Moraes Salvio co-orientou o estudo, analisou os dados, trabalhou na redação e revisão do texto.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.